

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**GILVAN DA SILVA LIMA**

**O SENTIDO DA SOCIOLOGIA A PARTIR DO OLHAR DOCENTE: ANÁLISE DAS  
PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA DA ESCOLA ESTADUAL  
MOREIRA E SILVA, MACEIÓ, ALAGOAS**

**MACEIÓ-AL**  
**2022**

**GILVAN DA SILVA LIMA**

**O SENTIDO DA SOCIOLOGIA A PARTIR DO OLHAR DOCENTE: ANÁLISE DAS  
PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA DA ESCOLA ESTADUAL  
MOREIRA E SILVA, MACEIÓ, ALAGOAS**

Artigo elaborado como requisito parcial  
para aprovação no Curso de Ciências  
Sociais UAB/UFAL.

**Professor Orientador:** Dr. Welkson Pires

**MACEIÓ-AL  
2022**

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>4</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>1 BREVE INCURSÃO HISTÓRICA ACERCA DO SENTIDO DA SOCIOLOGIA COMO DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 O SENTIDO DA SOCIOLOGIA COMO DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DO OLHAR DOCENTE.....</b>	<b>11</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## RESUMO

Nas linhas subsequentes trataremos sobre o sentido da sociologia como disciplina no ensino médio da educação brasileira, analisando especificamente a percepção dos professores de sociologia da Escola Estadual Moreira e Silva, situada no complexo do CEPA, bairro do farol, no município de Maceó, Alagoas. Em termos metodológicos, a coleta de dados se deu, primeiramente, a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas junto a dois professores efetivos da referida escola, de observação do ambiente escolar e das práticas de ensino desses professores e, também, por meio de pesquisa documental, basicamente centrada nos seus planos de aula. É importante ressaltar que essa coleta de dados ocorreu, precisamente, no momento em que eu desenvolvia o estágio supervisionado na escola supracitada. Em linhas gerais, a presente pesquisa nos permitiu chegar a conclusão de que o sentido da sociologia para os professores entrevistados se constituía como uma síntese dos objetivos atribuídos a essa disciplina na legislação educacional – LDB (1996), DCNEM(1998), PCNEM (1999) e OCEM (2006). No entanto, tais professores apresentaram muitas dificuldades para operacionalizá-los em sua prática docente, principalmente no que diz respeito à mediação didática dos conteúdos das ciências sociais.

**Palavra-chave:** Sociologia Escolar. Sentido das Ciências Sociais. Ensino Médio.

## INTRODUÇÃO

Visando contribuir com os estudos que buscam compreender o processo de inserção disciplinar das ciências sociais no currículo da educação básica brasileira, a presente pesquisa se volta a investigar os sentidos que a disciplina de sociologia assume no contexto do ensino médio a partir do olhar docente. Com isso, acreditamos poder lançar luz sobre o porquê da intermitência da Sociologia no currículo escolar, sobre as dificuldades de caráter didático-pedagógico que são vivenciadas pelos docentes que lecionam essa disciplina, sobre a pouca legitimidade que essa disciplina ainda tem no ambiente escolar, seja entre gestores e professores, seja entre os próprios estudantes. Esperamos que nossas reflexões chamem a atenção para problemas que precisam ser urgentemente tratados, caso realmente queiramos a sociologia como componente curricular obrigatório no currículo da educação básica brasileira.

A fim de desenvolvermos uma reflexão empiricamente fundamentada, direcionamos nosso olhar para o ensino de sociologia em uma instituição de ensino específica, a Escola Estadual Moreira e Silva, inserida no Centro Educacional de Pesquisas Aplicadas Antônio Gomes de Barros (CEPA), localizado na Av. Fernandes Lima, no bairro Farol, da cidade de Maceió-AL. Centrando foco na prática docente de dois de seus professores efetivos que lecionam a referida disciplina no contexto do Ensino Médio. Em termos metodológicos, a coleta de dados se deu, primeiramente, a partir de um número resumido entrevistas semiestruturadas realizadas junto a dois professores efetivos da referida escola, de observação do ambiente escolar e das práticas de ensino desses professores e, também, por meio de pesquisa documental, basicamente centrada nos planos de aula.

Estruturalmente, o presente artigo está dividido em duas partes. Na primeira, buscamos mapear, brevemente e de modo não exaustivo, alguns dos sentidos que a disciplina de sociologia apresentou desde o momento que se pensou, de modo mais sistemático, a sua inserção na educação básica brasileira até os dias atuais, em que passamos por um processo de reforma do ensino médio. Já na segunda parte, focalizamos o sentido da sociologia a partir da percepção de dois professores de sociologia que atuam na Escola Estadual Moreira e Silva. Além dessas duas partes, o texto é finalizado com algumas considerações finais que buscam sintetizar nossos achados.

## **1. BREVE INCURSÃO HISTÓRICA ACERCA DO SENTIDO DA SOCIOLOGIA COMO DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO**

Nesta seção, pretendemos trazer uma breve reflexão sobre os sentidos assumidos pela sociologia ao longo de seu processo de implantação enquanto componente curricular na educação básica brasileira, atentando para os dilemas em torno de sua legitimidade enquanto disciplina escolar, os quais revelam, justamente, os embates entre aqueles que defendem sua obrigatoriedade, principalmente, nos anos finais da educação básica, e aqueles que se contrapõem a essa obrigatoriedade, seja por considerá-la apenas como algo complementar e, por isso, optativo, seja por vê-la como desnecessária. Isso poderá nos ajudar a compreender as atuais dificuldades experienciadas pelos docentes que lecionam a disciplina de sociologia no ensino médio, desde a luta pela legitimação dessa disciplina perante a comunidade escolar até dificuldades de caráter didático-pedagógico.

O questionamento acerca da importância da sociologia não é de hoje. Inclusive, Cigales (2019) nos lembra que a legitimidade da própria ciência já foi muitas vezes discutida, principalmente em seus primórdios, levando pensadores de fins do século XIX e início do século XX, como Max Weber (2016) e Emile Durkheim (2012), a elaborarem reflexões de caráter epistemológico e metodológico, defendendo a especificidade e necessidade da sociologia enquanto ciência. Em sua configuração escolar, a sociologia veio enfrentando, desde fins do século XIX, questionamentos quanto a sua necessidade no currículo da educação básica, o que se estende até aos dias de hoje.

Como destaca Neuhold (2019), algumas disciplinas nos currículos escolares são vistas com certa naturalidade, sendo inquestionável sua relevância, como se tivessem sido estabelecidas a partir de alguma perspectiva privilegiada e/ou como se constituíssem em conhecimentos neutros acerca da realidade. Já em relação a disciplina de sociologia a situação é bastante diferente. Não há qualquer consenso em relação a qual papel ela pode desempenhar na formação dos indivíduos, ou seja, sobre qual seu sentido pedagógico, qual sua importância no currículo da educação básica de modo a justificar sua obrigatoriedade enquanto componente curricular. Mesmo quando observamos documentos norteadores como os Diretrizes Curriculares do Ensino Médio DCEM (1998), Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio PCNEM (2000) e Orientações Curriculares do Ensino Médio OCEM (2006), não se percebe muitos pontos de acordo no que diz

respeito a qual o objetivo da sociologia no currículo escolar. Indica-se, dentre outros objetivos, ajudar no desenvolvimento da capacidade de questionamento, do pensamento crítico, do estranhamento e da desnaturalização da realidade, de competências para o exercício da cidadania e para inserção do indivíduo no mundo do trabalho, etc.

Como compreender essa falta de consenso quanto ao propósito pedagógico da disciplina de sociologia no currículo do ensino médio? Possivelmente, isso se deve, em grande medida, ao percurso intermitente dessa disciplina na educação básica brasileira, ora estando presente, ora ausente de sua estrutura curricular. Por isso, nas próximas linhas, buscaremos tratar dessas inclusões e exclusões da disciplina de sociologia, ressaltando os interesses por trás dessas ações.

As primeiras tentativas de inserção da sociologia no currículo da educação básica se dão entre os anos de 1882 e 1883 por meio dos pareceres do então deputado federal Rui Barbosa, voltados à instrução nos níveis primário, secundário e superior. Nesses documentos, a Sociologia estava fortemente associada aos pensamentos de Auguste Comte e Herbert Spencer, assumindo, nesse sentido, o objetivo de contribuir com processo de condução da nação a um estado positivo, baseado na razão e no progresso da ciência (CIGALES, 2019).

Na última década do século XIX, temos a Reforma Benjamin Constant (1890) que, segundo Neuhold (2019), incluía a Sociologia não somente no ensino secundário, como também nas escolas normais e nos colégios militares. Como nos informa a autora, objetivava-se com o ensino de sociologia conjugar ciência e instrução pública em nome de um projeto civilizador conservador, visando formar uma juventude consciente moral e cientificamente. Nesse sentido, a proposta de Constant se mantém alinhada ao positivismo comteano.

Segundo Cigales (2019), apesar de haver alguns registros, nesse período, da presença da sociologia no currículo de diferentes instituições de ensino, pouco se conhece sobre os impactos da Reforma Benjamin Constant em relação ao ensino de sociologia nas escolas brasileiras. Na verdade, alguns autores chegam mesmo a questionar sua real efetividade nesse sentido (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017; MORAES, 2011).

Em 1925, com a reformas dos ministros Luiz Alves e Rocha Vaz, tem-se uma reorganização do currículo do ensino secundário, no qual passa a constar a presença da sociologia no sexto ano do curso complementar de Ciências e Letras, voltados aos indivíduos que buscavam o título de bacharel em Ciências e Letras. Alguns anos depois, com a Reforma Francisco Campos (1931), o curso secundário é dividido em duas etapas: um básico de cultura geral e o complementar, obrigatório aos interessados em ingressar nos cursos jurídicos, de medicina, farmácia, odontologia, engenharia e arquitetura. Nesse momento, a Sociologia se insere como disciplina obrigatória nesta segunda etapa (CIGALES, 2019).

Diversas perspectivas passam a orientar e embasar a presença da sociologia no currículo escolar, dentre as quais se destacam a visão dos escolanovistas e dos católicos. De acordo com diferenciação feita por Cigales (2019, p. 17-18), temos, de um lado, os intelectuais renovadores defendendo que a sociologia “tinha o caráter de buscar compreender os problemas sociais e educacionais baseado no princípio racional da ciência social”. De outro, “a Sociologia idealizada pelos intelectuais católicos era caracterizada pelo sentido de missão na busca pela recristianização da sociedade”. Nesse sentido, o ensino de sociologia tinha por objetivo possibilitar o debate em torno dos problemas sociais que confrontavam a ideologia cristã. Tais fatos nos revelam uma grande disputa em relação ao sentido da sociologia entre os renovadores da Escola Nova e os conservadores da Igreja Católica.

Depois de quase vinte anos de presença no currículo do ensino secundário, a sociologia perde seu status de disciplina obrigatória quando da Reforma Capanema (1942), que ao extinguir os cursos preparatórios para ingresso no ensino superior, terminou por também extinguir a oferta de um conjunto de disciplinas que estavam alocadas somente nessa etapa da educação básica, como a sociologia (SANTOS, 2004). Embora ausente do currículo do ensino secundário, a sociologia, pelo menos até 1970, como disciplina obrigatória dos cursos normais, sendo daí também retirada com a Reforma Jarbas Passarinho, que também estabeleceu a profissionalização compulsoriedade do ensino secundário por conseguinte.

Na década de 1980, no curso do processo de redemocratização do país, e com a queda da compulsoriedade do ensino profissionalizante, vê-se gradativamente a sociologia retornar ao currículo da escola básica através de legislações estaduais, as

quais foram impulsionadas pela Lei 7.044, de 1982, que faz modificações na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1961, possibilitando que a Sociologia e a Filosofia entrassem na parte diversificada do currículo (CIGALES, 2019).

De toda forma, mesmo com posicionamentos favoráveis à reinserção da sociologia no currículo da educação básica despontando nas décadas de 1980 e 1990, culminando inclusive com o estabelecimento, pela Lei de Diretrizes e Bases LDB (1996), da obrigatoriedade do ensino de seus conteúdos no nível médio, a sociologia ainda não havia, até então, sido alçada a condição de componente curricular obrigatório na educação básica. Assim se encontra no art. 36, § 1º, III, da LDB (1996): “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania”. Devido a não clara especificação da sociologia como componente curricular obrigatório, o que ficou estabelecido obrigatoriamente foi apenas o ensino dos conteúdos sociológicos, o que poderia ser feito de forma diluída em outras disciplinas da área de humanas. Esse é o entendimento presente nas DCNEM (1998), documento esse que ratifica a sociologia como conteúdo que pode ser transmitido por outras disciplinas que fazem parte da área de humanas no currículo do ensino médio.

Com os PCNEM (1999), temos uma maior especificação quanto ao ensino das ciências sociais na educação básica, inclusive com a afirmação de que tal ensino deveria contemplar conhecimentos de Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Com relação aos objetivos pedagógicos a serem alcançados com o ensino desses conhecimentos, aponta o referido documento norteador: “o estudo das Ciências Sociais no Ensino Médio tem como objetivo mais geral introduzir o aluno nas principais questões conceituais e metodológicas das disciplinas de Sociologia, Antropologia e Política” (p. 36). Nesse sentido, busca-se, por meio desses conhecimentos, levar o educando a desenvolver uma postura mais reflexiva e crítica frente as questões do mundo moderno. Ao passo que também almeja lhe capacitar para agir de forma transformadora, enquanto cidadão ativo, no que concerne a sociedade em que vive, tendo em vista um modelo de sociedade mais justo e solidário. Mesmo com essa maior especificação com relação ao sentido da sociologia no ensino médio, não houve, de modo mais explícito, a defesa de os conhecimentos dessa área deveriam estar configurados numa forma disciplinar distinta no currículo escolar.

Em 2006, foram publicadas as OCNEM, as quais traziam em seu bojo uma série de questionamentos em relação aos encaminhamentos que vinham sendo dados ao ensino da sociologia, principalmente no que diz respeito a sua diluição em outros componentes curriculares da área de humanas. Nesse sentido, o referido documento assume explicitamente a presença da sociologia enquanto disciplina específica da grande curricular do ensino médio. Além disso, delineia alguns princípios epistemológicos – estranhamento e desnaturalização da realidade – e metodológicos – recortes didáticos a partir de conceitos, temas e teorias –, que, ao definir uma identidade para a sociologia escolar, pudessem nortear o trabalho docente nesse campo disciplinar.

Mesmo com todos os argumentos favoráveis a inserção curricular da sociologia como disciplina específica, em especial aqueles presentes nas OCEM (2006), a sociologia só alcançou essa posição em 2008, quando da aprovação da Lei 11.684, que altera o art. 36 da LDB (1996) a fim de incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Com isso, os debates, pesquisas e reflexões sobre o ensino das ciências sociais na educação básica ganham impulso e, conseqüentemente, despontam diversas percepções sobre o sentido de sua presença no currículo escolar. Tais percepções seguem diferentes caminhos e normalmente refletem as experiências que os sujeitos têm em relação a esse campo disciplinar. Por exemplo, vale lembrar os resultados da pesquisa de Santos (2016) sobre as representações sociais dos professores de sociologia em relação ao seu campo disciplinar. Comparando as representações sobre a sociologia escolar verificadas entre de professores de sociologia com e sem formação na área das ciências sociais, o referido autor verificou o seguinte:

O primeiro grupo [professores com formação em ciências sociais] visualiza a ciência sociológica a partir do modelo mais clássico, mais disciplinar, mais orientado pelos interesses e valores da academia. O segundo grupo [professores sem formação em ciências sociais] percebe aquela ciência a partir de um modelo baseado na interdisciplinaridade, na diversidade institucional, na aplicabilidade do conhecimento e na participação de diversos atores sociais (SANTOS, 2016, p. 86).

Ou seja, as percepções dos professores sobre o sentido da sociologia escolar variavam conforme sua formação acadêmica. De toda forma, seguimos a hipótese de

Cigales (2019) de que a falta de consenso em torno do sentido da sociologia no currículo da educação básica se deve, em grande medida, a sua presença intermitente enquanto componente curricular obrigatório, que impediu que uma tradição disciplinar pudesse se estabelecer. Atrelado a isso, vale destacar que, se inexistente uma tradição escolar para sociologia, o mesmo não pode ser dito em relação à sociologia acadêmica. Talvez o estabelecimento de uma tradição acadêmica para sociologia, tenha se afastado do campo educacional, o que também contribuiu para o não desenvolvimento de um sentido pedagógico para sociologia.

Se essa realidade parecia estar em transformação, depois do acúmulo de conhecimento que veio se produzindo, principalmente desde 2008, em relação a sociologia escolar, nos permitindo sonhar com o estabelecimento de uma tradição ou, ao menos, consensos mínimos sobre esse campo disciplinar, o momento atual, marcado pela reforma do ensino médio, parece indicar um revés para consolidação da sociologia enquanto disciplina obrigatória nesse nível de ensino. A reforma do ensino médio, que se deu por meio da aprovação da Lei 13.415, de 2017, novamente subtrai da sociologia sua condição disciplinar, lhe atribuindo o status de “estudos e práticas”. Isso, a médio e longo prazos, pode acabar esvaziando o espaço de debates que se constituiu, a duras penas, em torno da sociologia escolar.

Em suma, as disputas em torno da presença ou não da sociologia enquanto disciplina na educação básica brasileira estão longe do fim e, conseqüentemente, uma maior definição com relação ao seu sentido ainda está por se firmar. É justamente buscando compreender melhor os sentidos em torno do ensino de sociologia que nos debruçaremos, no próximo tópico, sobre as percepções que professores de sociologia têm em relação à disciplina que ministram, como tais percepções orientam suas práticas docentes e como podem estar relacionadas às dificuldades didático-pedagógicas que enfrentam.

## **2. O SENTIDO DA SOCIOLOGIA COMO DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DO OLHAR DOCENTE**

A coleta de dados para nossa pesquisa ocorreu no contexto da Escola Estadual Moreira e Silva, inserida no Centro Educacional de Pesquisas Aplicadas Antônio

Gomes de Barros (CEPA), localizado na Av. Fernandes Lima, no bairro Farol, da cidade de Maceió-AL. Foram entrevistados dois professores que compõem o quadro efetivo de docentes, dessa escola, formados em Ciências Sociais, com mais de 12 anos de experiência lecionando sociologia, os quais, visando preservar suas identidades, serão referidos como P-01 e P-02. As entrevistas foram realizadas nos meses de abril e maio de 2017, tomando como base um roteiro semiestruturado, composto por questões abertas. Algumas entrevistas foram feitas na UFAL/UAB, outras na própria escola onde os professores trabalham.

Buscando compreender qual o sentido que os docentes entrevistados atribuíam à sociologia enquanto disciplina escolar, lhes perguntamos sobre qual o objetivo pedagógico que eles almejavam alcançar com o ensino dos conteúdos das ciências sociais. O professor P-01 nos deu a seguinte resposta:

*Bom, eu acredito que a sociologia ela tem o papel fundamental de racionalizar a nossa sociedade deixando ela mais consciente da situação histórico-social [...], deixar o sujeito consciente da situação em que ele vive, do ambiente que ele está inserido, das situações históricas que levaram a sua vida [...] da sua família ou da religião, ou da sociedade em que ele está inserido. [Com o ensino de Sociologia, busca-se] fazer com que ele possa perceber esse movimento histórico e, através do olhar crítico, racional, ele possa perceber essa secularização que acontece, esse processo de modernização que acontece em nossos relacionamentos e também na organização do Estado [...]. Então dentro desses objetivos eu acredito que eu fundamento meu trabalho. (P-01)*

Explicando melhor sua percepção, o referido professor nos diz que ele concebe os objetivos da sociologia em nível escolar a partir de duas dimensões: em primeiro lugar, a disciplina deve contribuir, junto com as demais disciplinas, para uma educação capaz de promover a mobilidade social dos estudantes. Para isso, é importante que não descuide, por exemplo, da preparação dos estudantes para processos seletivos, como o Enem e demais vestibulares, que serão importantes etapas para continuidade da formação desses sujeitos; em segundo lugar, a sociologia, de modo mais específico, deve proporcionar ao estudante instrumentos para uma reflexão crítica acerca de sua realidade:

*O papel da Sociologia é instrumentalizar, até porque a sociologia agora é uma atividade que é exigida nos vestibulares, principalmente por ser uma disciplina de ensino médio [...] [Então, a disciplina deve] instrumentalizar eles [os estudantes] pra isso e simultaneamente, ao mesmo tempo, poder despertar neles aquilo que nos ramos da*

*educação se chama de estranhamento e desnaturalização da realidade, possibilitar que essas crianças comecem a... não é criar comunistas, como as pessoas pensam muitas vezes, não é isso! Eu acredito, é criar pessoas que consigam olhar pra realidade e refletir, refletir sobre ela e ter um senso crítico sobre ela [...], ou seja, a gente tem que criar pessoas críticas e ativas na sociedade. (P-01)*

Para o segundo docente entrevistado (P-02), o objetivo da sociologia é levar os estudantes à percepção de que eles fazem parte de um coletivo, que suas ações estão interligadas e têm implicações mais amplas para a vida social. Nesses termos, o objetivo da sociologia seria o de formar, de certa maneira, para utilizarmos os termos de Mills (1975), uma imaginação sociológica.

*Na minha opinião, os objetivos da Sociologia são... na verdade, eles se tornaram necessários pra que as pessoas entendam um pouco mais o seu papel dentro da sociedade, para que os nossos estudantes compreendam que todas as suas ações vão ter alguma consequência, que eles não vivem isolados e, como não vivem isolados, eles precisam de uma ciência que mostre pra eles como que isso é feito. Há a um tempo atrás, tinham outras disciplinas que tinham como função mais formar ideologias do que propriamente mostrar aos estudantes o que eles representam na sociedade. Eram mais no sentido de criar disciplina, de criar normas e regras, e fazer com que os estudantes respeitassem os símbolos nacionais, enfim, o amor à pátria<sup>1</sup>. Mas a Sociologia não vem com essa intenção, ela vem com a intenção, sim, de mostrar que os estudantes têm liberdade e que essa liberdade só ocorre se for dentro da sociedade, respeitando o outro. Então ela vem no sentido de que? De fortalecer os laços de convivência e mostrar que tudo que ocorreu na sociedade tem a ver com a própria sociedade e que as mudanças que vem ocorrendo aí, e que vão ocorrer também faz parte desse convívio na sociedade. [Então, a sociologia é] para eles entenderem isso. (P-02)*

Como é possível se perceber, o sentido específico atribuído pelos docentes ao ensino da sociologia está vinculado ao objetivo de tornar os sujeitos mais conscientes de sua situação histórico-social, de desenvolver neles um pensamento crítico-racional, de capacitá-los para a desnaturalização e o estranhamento da realidade, de fazê-los perceber-se enquanto parte de um coletivo, enfim, de prepará-los para a vida em sociedade. De certa forma, essas percepções sobre o sentido da sociologia parecem sintetizar os objetivos que, gradativamente, vieram sendo vinculados a essa disciplina,

---

<sup>1</sup> Aqui, o professor se refere às disciplinas *Organização Social e Política Brasileira* (OSPB) e *Educação Moral e Cívica* (EMC), instituídas no período da ditadura militar (1964-1985), com o intuito de legitimar a ditadura e repassar as ideologias conservadoras do regime.

desde a LDB (1996), que aponta a importância da sociologia na formação cidadã dos estudantes e preparação para o mundo do trabalho, até os documentos norteadores do ensino médio – DCNEM (1998), PCNEM (1999) e OCEM (2006).

Na busca por alcançar esses objetivos atribuídos à sociologia, os docentes entrevistados têm de ultrapassar diversas barreiras, sendo, talvez, a maior delas a falta de interesse dos alunos, que pode ser explicada por, ao menos, duas causas convergentes: a desarticulação do universo escolar em relação aos interesses e à realidade dos estudantes e dificuldades no processo de mediação didática da sociologia acadêmica para uma sociologia escolar.

Em relação ao primeiro ponto, um dos docentes destaca que, de um modo geral, há “*uma falta de interesse no estudo, descrença nos estudos por grande parte [dos estudantes]. Existem muitas coisas que são muito mais interessantes hoje [para eles] do que a escola*” (P-01). Segundo o professor, os fatores que motivam os estudantes a irem para a escola são as amizades, que estes têm na instituição de ensino, e a imposição dos pais, já que esses são obrigados por lei a manterem seus filhos na escola. Nas palavras do referido professor:

*[...] pra mim a principal dificuldade é essa do aluno não ter o interesse. Uma vez que ele não tem o interesse, ele não cumpre as regras. Ele não está nem aí para as normas da escola, para o regimento escolar. Ele não está preocupado com sua nota, com a sua frequência, com sua média. Não está preocupado com o respeito que ele deve ao professor e aos outros colegas. Então ele não tem essas preocupações e isso atrapalha o rendimento escolar não só dele, mas de toda a turma ou de toda a escola. (P-01)*

A fala do outro professor também segue no mesmo sentido:

*[...] muitas vezes os alunos, principalmente do noturno, vêm aqui somente como uma forma de se encontrar com os amigos e acabam deixando o estudo em último lugar. Então, a gente tem dificuldade em questão de disciplina mesmo, de muitas vezes você ter que se impor, de utilizar o regimento da escola para fazer com que eles estudem ou para que eles entreguem os trabalhos, que seria a sua obrigação normal de fazer. (P-02)*

Um ponto merece destaque nessas falas. Quando os professores se referem ao descumprimento das regras e normas da escola pelos estudantes, pode-se

questionar até que ponto os estudantes participam na construção de tais regras. Esse problema foi, inclusive, ponto de discussão em uma das aulas de sociologia observadas que tinha como tema a liberdade. Durante a discussão, um dos estudantes manifesta seu incomodo com as imposições da instituição escolar. “*nunca fomos chamados para participar da elaboração das normas*” (E-01). Para citarmos um exemplo mais objetivo, os estudantes demonstraram grande indignação quanto à proibição do uso do boné na escola, questionando em que medida isso poderia ser um empecilho para a aprendizagem ou para a sua participação na aula.

Essa situação parece ser um claro indício de que não temos uma escola para o estudante, feita também por ele, onde ele possa estabelecer pontos de identificação. Na verdade, vê-se um lugar onde a padronização se impõe. Por isso, aos olhos dos estudantes, a escola se apresenta como um espaço desestimulante, sem conexão com seus interesses e anseios. Nesse sentido, as únicas coisas que lhes restam como ponto de ancoragem com o ambiente escolar são, por um lado, os amigos que têm nesse contexto e, por outro, as imposições de seus pais, que os obrigam a ir à escola por obrigações legais.

Especificamente em relação à disciplina de sociologia, um dos professores deixa claro que os estudantes não têm interesse pelos conteúdos sociológicos:

*Olha, de certa forma, é o interesse mesmo dos alunos em buscar esse conhecimento [...]. Até que você consiga fazer com que eles se sintam incentivados, digamos assim, a ler, a entender aquilo que acontece com ele e com a sociedade, já é um trabalho difícil de fazer porque, hoje, muitos alunos não gostam muito de pensar, eles preferem pegar as coisas prontas [...]. Então, o trabalho de pensar é o trabalho mais difícil do mundo. (P-02)*

Essa falta de interesse, pelo menos no que diz respeito aos conteúdos da sociologia, pode estar atrelada ao fato dos estudantes não conseguirem atribuir sentido aos conteúdos que eles têm acesso no contexto dessa disciplina. E isso nos leva ao segundo ponto problemático no ensino da sociologia que é a dificuldade que normalmente os professores têm em realizar a mediação didática dos conteúdos acadêmicos das ciências sociais para o universo escolar.

Como dissemos anteriormente, a falta de tradição do campo do ensino escolar das ciências sociais pode ser uma das principais causas dessa dificuldade de caráter didático-pedagógico. Inclusive, isso foi aventado por um dos docentes entrevistados:

“Você não tem uma referência de trabalho, como têm as outras disciplinas que já têm uma tradição maior” (P-02). A presença intermitente da sociologia no currículo da educação básica brasileira acabou impedindo que conhecimentos sobre transposição de conteúdos, metodologias de ensino, aprendizagem e avaliação, dentre outros, concernentes ao ensino escolar das ciências sociais pudessem se constituir de modo mais sistemático e adensado. É o que nos diz Sarandy, ao constar que:

De fato, os cientistas sociais não contam com larga experiência nesse nível de ensino, ao contrário dos seus colegas historiadores ou geógrafos. As experiências com o ensino de Sociologia no Ensino Médio são bastante dispersas entre regiões do país e profissionais e contam com o agravante de não existir uma rede de comunicação e diálogo que favoreça maior intercâmbio de ideias e experiências práticas. (SARANDY, p. 115)

É justamente essa falta de tradição que leva o referido professor entrevistado a ter grandes dificuldades no trabalho de conteúdos teóricos e textos mais densos dos pensadores da área na sala de aula:

[...] *para trabalhar sociologia, nós não podemos deixar de lado sociólogos – e, quando a gente fala de sociólogos, a gente fala de textos, textos densos, textos críticos, textos com palavras eruditas, textos que precisam ser lidos com atenção e na hora de interpretar ter uma bagagem para fazer essa associação. Então, tendo em vista isso, a dificuldade maior mesmo é eu conseguir trazer essa parte teórica e fazer com que os alunos [...] tenham acesso aos sociólogos sem precisarem grandes leituras, porque senão a aula de 45 minutos acaba sendo enfadonha, acaba sendo cansativa.* (P-02).

Ao descrever esse obstáculo no que diz respeito ao trabalho com textos complexos, o entrevistado nos provoca a fazer uma reflexão sobre a seleção de conteúdos e a linguagem sociológica utilizada pelos professores em sala de aula, os quais, muitas vezes, dificulta o desenvolvimento da aula. Assim, concordamos com Bridi, Araújo e Motim quando ressaltam que

É preciso que o conteúdo a ser estudado seja relacionável e incorporável à estrutura cognitiva do aluno e esse deve manifestar disposição, estar motivado para relacionar de maneira substantiva o novo conteúdo potencialmente significativo à sua estrutura cognitiva. Daí a importância de explorar o meio, o contexto de vida do aluno. O aprendizado então será significativo, terá valor para ele, não lhe parecerá estranho e distante. (BRIDI; ARAÚJO; MOTIM, 2014, p. 68)

Além disso, ainda seguindo a linha de pensamento das autoras supracitadas, é importante ressaltar que “a educação escolar não se limita a fazer uma seleção entre os conteúdos e os materiais disponíveis para desenvolver a ação educativa; sua função é também a de torna-los transmissíveis e assimiláveis pelos estudantes” (idem, p. 78). Ou seja, é fundamental o processo de mediação didática que envolve, principalmente, um cuidado especial com a linguagem utilizada. Sobre isso, são provocativas as considerações de Ferreira:

Sabe-se que a linguagem sociológica, ou o popularmente chamado “sociologuês”, não é algo muito palatável aos jovens do ensino médio. Portanto, o modo como abordar uma discussão sociológica com os jovens é que se configura um grande problema. Há uma divergência, entre aqueles que afirmam ser necessária certa técnica pedagógica de tradução dos conceitos que promova uma adequação em termos de linguagem na relação de aprendizado da Sociologia, e aqueles que praticam o ensino de Sociologia por meio da simples transposição de conteúdos e práticas de ensino da universidade para o ensino médio. A superação dessa divergência é uma questão delicada, pois no primeiro caso, corre-se o risco de se confundir a adequação da linguagem com uma banalização dos conceitos e, no segundo, evidencia-se a fragilidade dos educadores em relação às metodologias de ensino, o que obstaculiza a prática do magistério. Portanto, a preocupação com a linguagem deve ser condizente com a prática do educador/sociólogo; não se pode negligenciá-la. Seja trabalhando com sínteses de teorias, com textos fáceis e textos difíceis, seja com dinâmicas pedagógicas, não importa, essa é uma questão que deve ser encarada pelo educados/sociólogo como didática e cultural. Poupar o educando de reflexão usando uma linguagem pobre é empobrecer o raciocínio. (FERREIRA, 2015, p. 30).

Na prática dos professores entrevistados, a busca por superar essas dificuldades, no que diz respeito a mediação didática, tem se dado, basicamente, por meio da diversificação dos recursos didáticos.

*[O professor] tem que ser criativo, conquistar os alunos, propondo atividade diferentes, tentando buscar convencer, da importância e da necessidade da disciplina de Sociologia no Ensino Médio. E isso você faz tentando fazer [certos] encaminhamentos, [utilizar certas] metodologias, recursos diferentes, usando bastante a TV, [tecnologias] multimídia, que são recursos com os quais você pode superar essas dificuldades. (P-01)*

*Pra superar isso, eu estou utilizando de vários recursos. Primeiro, eu gosto muito de utilizar tanto o quadro como também os slides. Então, pra todas as aulas, eu faço um esquema, um esquema que tem lá os*

*seus conceitos, as palavras chaves e as relações que elas possuem. Então, através desse esquema, eu crio técnicas mnemônicas de decorar e aí a gente vai trabalhando essas técnicas principalmente visando a fixação desse conteúdo, porque conteúdo que não é memorizado, não é aprendido. Então, se o aluno souber falar, souber expressar aquilo que ele conhece, aquilo que ele realmente sabe, isso vai me dar a garantia de que ele tenha o conhecimento entendido. (P-02).*

Dificuldades dessa natureza estão relacionadas diretamente à pouca definição acerca do sentido da sociologia como disciplina no currículo da educação básica brasileira. Ou seja, trata-se de uma questão ainda não resolvida e sobre a qual precisamos nos debruçar de modo mais sistemático, pois é o que nos ajudará a estabelecer, de modo mais claro, as especificações de uma sociologia escolar, que envolvem a definição de objetivos pedagógicos, seleção de conteúdos, desenvolvimento de metodologias de ensino, aprendizagem e avaliação. Em última instância, trata-se de definições que nos ajudarão, gradativamente, no processo de legitimação da sociologia como disciplina obrigatória do currículo escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final desta breve análise sobre o sentido da sociologia escolar, que não teve qualquer pretensão de esgotar tema tão complexo, acreditamos ter podido, ao menos, sinalizar algumas de suas implicações sobre a prática docente.

Pudemos perceber que boa parte do sentido que os professores de sociologia atribuíam a essa disciplina escolar estava fortemente atrelada aos sentidos que, gradativamente, vieram sendo veiculados através de documentos legais do campo educacional – LDB (1996), DCNEM (1998), PCNEM (1999) e OCEM (2006).

Apesar de alinhados as normativas, pelo menos no que diz respeito ao que manifestaram ser os objetivos da sociologia escolar, os docentes entrevistados tinham diversas dificuldades de operacionalizar tais objetivos em sua prática docente, principalmente dificuldades concernentes à mediação didática de conteúdos das ciências sociais. Possivelmente, isso se deve à presença intermitente da sociologia como disciplina obrigatória na educação básica brasileira.

É importante avançarmos com as pesquisas em torno dos sentidos que a disciplina de sociologia apresenta. Sentidos que se manifestam na legislação educacional, em discursos de políticos, em matérias jornalísticas, em materiais didáticos, na prática docente, na relação dos estudantes com a disciplina. Ou seja, são muitas as frentes de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BRIDI, M. A.; ARAÚJO, S. M.; MOTIM, B. L. Aprendizagem significativa e construção do conhecimento em sociologia. In: \_\_\_\_\_. **Ensinar e aprender Sociologia**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 63-84.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: EDIPRO, 2012.
- FERREIRA, E. C. Relação escola e universidade: a Sociologia no ensino médio em perspectiva. In: CARVALHO, C. A. (org.). **A Sociologia no ensino médio uma experiência**. Londrina: EDUEL, 2010. P. 13-35.
- MORAES, A. C. Ensino de Sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. **Cadernos Cedes**, v. 31, p. 359-382, 2011.
- NEUHOLD, R. R. Um histórico da sociologia como disciplina escolar na educação básica brasileira. In: NEUHOLD, R. R.; POZZER, Márcio R. O. (orgs.). **O ensino de sociologia e os dez anos dos institutos federais (2008-2018)**. Maceió: Café com Sociologia, 2019, p. 23-57.
- OLIVEIRA, A.; OLIVEIRA, E. Os processos de institucionalização da Sociologia na Escola Secundária (1890-1971). In: SILVA, I.; GONÇALVES, D. (orgs.). **A Sociologia no Ensino Médio**. São Paulo: Annablume, 2017, p. 19-36.
- SANTOS, M. B. A Sociologia no contexto das reformas do ensino médio. In: CARVALHO, L. M. G. (Org.). **Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de Sociologia no ensino médio**. Ijuí: Unijuí, 2004, p. p. 131—180.
- SANTOS, M. B. O que pensam os professores? In: RÊSES, E.; SANTOS, M. B.; RODRIGUES, S. D. **A sociologia no ensino médio: cidadania e representações sociais de professores e estudantes**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, p. 39-86.
- SARANDY, F. Reflexões acerca do sentido da Sociologia no Ensino Médio. In: CARVALHO, L. M. G. (org.) **Sociologia e Ensino em Debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004, p. 113-130.
- WEBER, M. **Metodologia das Ciências Sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2016.